

A Arte em geral e a Literatura, em específico, tem o Poder Político-Poético (Njeri 2020) de construir semióticas, interrogar mundos e projetar futuros. Quando se trata da Literatura de autoria negra, novas camadas são adicionadas e o fenômeno da Maafa (Ani, 1994; Njeri, 2020), ou seja, da experiência de desumanização radical da população negra africana e afro-diaspórica, torna-se um balizador destas subjetividades e transborda em suas Artes.

Importante frisar que a Maafa, conceito da professora afro-americana Marimba Ani (1994) existe para os corpos negros, cada um com seus atravessamentos singulares de territórios e culturas, mas todos pautados pela necropolítica (Mbembe, 2019), pelo genocídio e suas facetas que vão da morte física ao epistemicídio (Carneiro, 2023). Desta forma, interessa verificar quais estratégias artístico-literárias têm se buscado para documentar as experiências, subjetividades e memórias negras face ao que passei chamar de Estado de Maafa (Njeri; Aziza, 2020), isto é, a práxis contínua de desumanização criadora de males psíquicos, comportamentos auto-destrutivos e desorganizadores da comunidade.

Assim, diante da desumanização radical ou Maafa, investigamos textos literários de autoria negra, percebendo novos discursos e semióticas. Verificamos no texto quais espaços possíveis onde podemos experimentar as fabulações críticas (Hartman, 2021) enquanto ferramentas para a construção de possibilidades de viver, em que conseguimos reparar, restaurar, ressaltar as comunidades contemporâneas, principalmente aquelas cujas humanidades vêm sendo negociadas pelo colonialismo.

Reflico, assim, sobre os percursos e impactos estético-filosóficos na construção destas Literaturas de autoria negras tendo como foco principal a obra de Eliana Alves Cruz, “Solitária” de 2022. Dialogando com esta perspectiva, buscamos a base referencial de Beatriz Nascimento e Alex Ratts (Nascimento, 2018; Ratts, 2006) e do conceito de “corpo-documento” para investigar inscrições do corpo negro no romance. Saliento que por conta do espaço deste texto, fiz um pequeno recorte do tema que vem sendo desenvolvido nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da

¹ Aza Njeri é doutora em Literaturas Africanas e pesquisadora de Filosofias, Culturas, Literaturas e Artes africanas e afro-diaspóricas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade PUC-Rio. Coordenadora e Professora de Graduação do Departamento de Letras PUC-RJ e professora do Instituto de Pesquisa Pretos Novos-RJ. Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre o Continente Africano e as Afro-diásporas PUC-Rio. Escritora, roteirista, multiartista, crítica teatral e literária, podcaster, youtuber.

PUC-Rio e no projeto “Circunscrições da Maafa no corpo-documento: o corpo negro nas literaturas e dramaturgias afro-lusófonas contemporâneas - Brasil, Angola e Portugal”.

Nascimento (2018) e Ratts (2006) compreendem que ao serem sequestrados e desembarcados nas Amérikkkas² para o início da desumanização negra — ou da Maafa (Ani, 1994) —, os africanos portavam o corpo, a palavra e seus valores civilizatórios (Njeri, 2019; 2020; Trindade, 2008), sendo que o corpo é político e circunscreve a memória, ao mesmo tempo que reivindica poder:

O corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias. O corpo é igualmente memória. Da dor — que as imagens da escravidão não nos deixam esquecer, mas também dos fragmentos de alegria — do olhar cuidadoso para a pele escura, no toque suave no cabelo enrolado ou crespo, no movimento corporal que muitos antepassados fizeram no trabalho, na arte, na vida. Um golpe de cabeça, um jeito de corpo para escapar dos estereótipos, dos preconceitos e do racismo explícito. Um jeito de corpo para entrar nos lugares onde negros não entram ou ainda são minoria desigual. (Ratts, 2006, p. 68).

Desta maneira, entramos em contato com a história, o corpo e a memória de Eunice, uma empregada doméstica que trabalha há décadas na casa de D. Lúcia, Seu Tiago e Camila, patrões da classe média alta carioca, e sua filha Mabel que cresce acompanhando sua mãe no trabalho. A obra divide-se em três partes: na primeira, entramos em contato com a perspectiva de Mabel da narrativa e os capítulos são os cômodos da casa-grande contemporânea, numa espécie de radiografia pelo olhar infanto-juvenil; na segunda, a história desenvolve-se sobre a localização de Eunice e os capítulos são os cômodos da senzala contemporânea, por onde trafegam os subalternos; na terceira parte, adentramos em outras solitárias, tanto espaciais - quarto de empregada, quarto de porteiro, quarto de hospital e quarto de descanso -, quanto personagens que atravessam a narrativa e, contrariando a Maafa, conseguem resistir, permanecer e continuar. Um exemplo é o caso da babá Irene que, pré-adolescente, foi agredida fisicamente pela patroa, d. Helena - uma futura bolsonarista -, na ocasião do acidente com a criança Bruninho: “As únicas coisas de que me lembro nitidamente são a imagem de d.Helena diante da mocinha de branco e o tapa ruidoso que deu no rosto dela antes de bater em retirada com os paramédicos e a festa inteira. Aquilo foi mais alto que o grito agudo da menina” (Cruz, 2022, p.23). E, mais tarde, descobrimos que a jovem virou enfermeira do hospital em que Mabel, agora médica, trabalha. A ironia é que o próprio Bruninho, já adulto e

2 Consciente da importância do combate ao racismo linguístico e da necessidade de criação de vocábulos que imprimam a dimensão teórica da Maafa, me alinho aos estudos da afrocentricidade (Asante, 2009) e, ao me referir à supremacia brankkka ocidental ou à Amérikkka supremacista (continente ou EUA), grafo a palavra com triplo K.

com Covid, também estava internado em estado grave neste hospital, trazendo uma carga dramática a história, pois Irene carregava a culpa do acidente e tinha uma segunda chance em acertar o passado com Bruno:

Cento e sessenta dias de internação, muitos deles no limiar da morte. Foram tempos bastante difíceis, com as mais diversas complicações, das quais pensei que ele jamais sairia vivo. Bruno, mais uma vez, tinha voltado à superfície. E naquele momento não só deixava o hospital, como também devolvia a Irene a capacidade de voltar a respirar.

— De você só ouvi a história do dia do acidente na piscina... Vou viver bem, Irene. Nós vamos. (Cruz, 2022, p.156)

Em termos estéticos, a capa expressa a dimensão da solidão com um chá, provavelmente de cidreira, e um livro num fundo marrom que lembra uma mesa de madeira e no centro, em letras minúsculas, o título: solitária. E, nesta obra, as solitárias falam, seja na personificação dos cômodos que solitariamente testemunham os dramas vividos, seja nas digressões de Eunice e Mabel. Há ainda a solidão da população negra em Estado de Maafa que é abordada em cada personagem subalterno: o porteiro Jurandir que cuida de seus dois filhos João e Cacau sozinho; Sérgio que, alcoólatra, abandona a família e vai viver na solidão das ruas; Hilda cuidadora do General Feitosa, aguentando as microviolências no serviço e morre de Covid no leito do hospital; e Dadá, escrava doméstica da síndica do prédio, d. Imaculada, inspirada no caso da Madalena Gordiano, mulher negra escravizada desde criança por uma família abastada de Patos em Minas Gerais.

No capítulo “Criada-muda” somos apresentados à desumanização de Dadá, ao mesmo tempo em que Eunice, consciente de sua situação de explorada, decide não mais aceitar esta condição: “Eu, de certa forma, fui criada-muda. Não seria mais.” (Cruz, 2022, p. 117). Em diálogo com Frantz Fanon (2005) e Spivak (2010), são os jovens João e Cacau que denunciaram d. Imaculada por cárcere privado e maus-tratos de Dadá por mais de vinte anos.

— Olha, come esse chocolate aqui. É bom de verdade! O carro estava bem aqui na frente, Dadá! Era só descer... — Cacau abriu aquele sorriso bonito dele.

— Deus me livre, mocinho! Mãezinha Imaculada é capaz de me bater com chinelo...

— Bater...?

O menino então conversou com o irmão e decidiam fazer uma denúncia anônima (Cruz, 2022, p.120)

O romance se constrói a partir dos atravessamentos coloniais sobrepostos aos impactos da Maafa trazendo males psíquicos e um descarrilamento subjetivo (Nobles, 2009) que, ao se tratar de pessoas negras, pode acarretar o que chamei de Afrosurto (Njeri, 2020; Njeri, Aziza, 2020), isto é, o “o estado de ódio pelo Ocidente, corporificado pelo ‘morte aos brancos’, oriundo do processo de ganho de consciência racial.” (Njeri, 2020, p. 191). A lucidez adquirida pelo negro no processo de tomada de consciência acarreta numa série de

memórias que corporificam a sua alienação diante das dinâmicas da branquitude (Bento, 2022).

Então começa a enxergar com os olhos da consciência racial a dinâmica estrutural e estruturante da sociedade em que está inserido e ‘do cabelo alisado’, passando pelo ‘clareamento da família’ e o ‘eu nunca sofri racismo’ até chegar no ‘negro de pele branca’ e ‘branco de pele negra’, vai se despindo dolorosamente de cada Eu de SI. Despindo-se do Ocidente de forma tão violenta e confusa, que pode ser metaforizada enquanto um surto afro ou um Afrosurto. (Njeri, 2020, p. 192 -193).

João é o personagem que melhor exemplifica este cenário e seu olhar lúcido sobre a Maafa descarrila sua subjetividade e ele, por vezes, afrosurta despertando na comunidade um olhar julgador e penalizante, trazendo aflição para seu pai, Jurandir. João odeia o Golden Plate e seus moradores pois entende e identifica as dinâmicas de opressões da Maafa. Não à toa, vem deste subalterno, a possibilidade de Dadá ter liberdade (SPIVAK, 2010) e, ao saber do aborto de Mabel e da “ajuda” da patroa para encobrir o caso, João lança um olhar agudo sobre a situação:

— A gente não tinha a menor condição, Mabel... nem de grana, nem de cabeça. Você tem catorze anos e eu, dezesseis. Somos pobres emais.... Nisso ela tava certa, mas... Olha, esses barões aqui não querem perder duas empregadas pelo preço de uma! Ela não fez isso por você.

As mãos dele crispavam, a voz embargou, o rosto enrugou. João envelheceu ali, na minha frente, em segundos, aos dezesseis anos. Chorou copiosamente como eu nunca tinha visto antes. (Cruz, 2022, p. 68-69)

Eunice também exemplifica a tomada de consciência de si. Seu arco narrativo inicia subalterna e leal à branquitude - se achava da família -, ela passa pelo movimento de transformação e autoconsciência, culminando na autodeterminação de viver integralmente, deixando de ser a “criada-muda”. O impacto da morte de Gilberto materializa a mudança da personagem. Num primeiro momento, Eunice, ainda em choque, acata a história criada por d. Lúcia diante da morte da criança, filho da empregada Luzia, que cai da janela do apartamento enquanto sua mãe ia ao mercado a pedido de Camila, filha dos patrões: “Timidamente, Luzia pediu para que Camila olhasse Gilberto um pouco. Não podíamos parar o trabalho e as panelas quentes eram sempre um perigo” (Cruz, 2022, p. 130); “Foi tudo muito rápido. Enquanto d. Lúcia subia pelo elevador, o menino caía pela janela” (Cruz, 2022, p.132). Depois, com a ajuda da comunidade e família, Eunice rompe com as amarras colonialistas e assimilacionistas e denuncia a família pela morte da criança.

D. Lúcia havia combinado a história com todo mundo, menos com a nova Eunice. A dona da cobertura do Golden Plate não imaginava ter que lidar com aquela mulher renovada, livre do sentimento de servidão e gratidão por receber muito menos do que ela merecia durante anos de dedicação e trabalho incessante. Não sabia que Eunice estava finalmente seguindo o conselho de d. Codinha e cuidando da própria vida, completando os estudos e recomeçando. (Cruz, 2022, p. 160)

Esse crime tem referência explícita ao caso do menino Miguel³. Criança negligenciada por Sari Corte Real, que, em 2020, caiu da janela de um prédio enquanto sua mãe, a empregada doméstica Mirtes Renata Santana de Souza, passeava com o cachorro da socialite. Ao trazer para o corpo do romance esta trágica história, Eliana Alves Cruz, fabula (Hartman, 2021) literariamente sobre o ocorrido e evidencia o tamanho da barbárie.

As heranças escravocratas se evidenciam nas relações de trabalho, principalmente com empregados domésticos que em muito ecoam o mucamato presente na Casa Grande. Não podemos esquecer que somente em 2015, sob o protesto de uma classe média irritada, que as empregadas domésticas tiveram o seu direito ao trabalho reconhecido, mesmo que a lei Trabalhista Brasileira seja da década de 1940. Camadas ao caso são acrescentadas quando percebemos que a morte de Miguel aconteceu no mesmo dia em que a Emenda Constitucional n.º 72, conhecida como "PEC das Empregadas Domésticas" completou cinco anos desde a sua publicação. E entre 2020-2023 pulularam na mídia notícias de políticos, juízes, herdeiros e famílias abastadas que cometem crime de trabalho análogo à escravidão em suas casas, vinícolas e demais empreendimentos. Além da questão trabalhista, existe uma herança subjetiva que permanece entre as mulheres negras domésticas e as famílias em que trabalham.

Desta forma, a obra faz uma radiografia da escravidão moderna, utilizando-se esteticamente da planta baixa da casa para a construção dos capítulos da narrativa. Baseando-se no duplo presença x ausência do corpo negro em cada ambiente, passeamos pelas interdições classistas que a branquitude constrói em torno de si. E personagens que beiram o cômico, como o General Feitosa, sinalizam para a tragicidade de uma sociedade neoescravocrata, atravessada pelo bolsonarismo⁴, classicismo e saudosismo da ditadura militar: “O general era uma espécie de lenda no condomínio. Diziam que já havia torturado, matado, prendido...” (Cruz, 2022, p. 48).

A família tradicional brasileira é apresentada por meio do perspicaz olhar infanto-juvenil de Mabel, em que, rapidamente, localiza em seu Tiago os privilégios patriarcais:

A vida que comecei a querer para mim era como a do seu Tiago, um cara que tinha a profissão dele e todo o resto. Sim, ele parecia amar a família etc. e tal. Fui

³ O caso menino Miguel refere-se à morte de Miguel Otávio Santana da Silva, de cinco anos de idade, filho da empregada doméstica Mirtes Renata Santana de Souza, no dia 02 de junho de 2020. A criança caiu do nono andar do prédio em que Mirtes trabalhava, em Recife, cuja patroa era Sari Mariana Costa Gaspar Corte Real, esposa do prefeito Sérgio Hacker, de Tamandaré, cidade a pouco mais de cem quilômetros do Recife. Naquele dia, quando Mirtes saiu para levar o cachorro dos patrões para passear, teve que deixar Miguel no apartamento. O menino chorava porque sentia falta da mãe, e entrou no elevador do prédio. Sari mandou o elevador para um andar mais elevado. Quando ele chegou ao nono andar, Miguel saiu, acessou uma área destinada ao sistema de ar condicionado e caiu de uma altura de 35 metros

⁴ O bolsonarismo é um fenômeno político de extrema-direita que eclodiu no Brasil com a ascensão da popularidade do ex-presidente Jair Bolsonaro.

testemunha de como ele quis aquela filha, mas era um amor diferente do da esposa, que parecia ver em Camila mais uma boneca da coleção da trisavó. Era um amor que não exigia que ele abrisse mão de si mesmo. E foi isso que comecei a desejar, porque eu via que minha mãe abria mão de si própria, do seu futuro e da nossa família por conta deles. Via que d. Lúcia depositava todas as esperanças e maluquices na filha. Seu Tiago, no fundo, era a pessoa que eu queria ser naquele momento. (Cruz, 2022, p. 45)

Em diálogo com Oyèrónké Oyewùmí (2020), observamos em d. Lúcia o “fardo da mulher brankkka” (Oyewùmí, 2020), cujo comportamento civilizado cria uma autoimagem de si - segura, caridosa, bondosa -, que é quebrada quando se vê contrariada em suas vontades e passa a agir de forma escandalosa, vingativa ou como uma “*Karen*”, isto é, uma expressão pejorativa afro-americana usada para definir mulheres brankkkas que buscam usar seus privilégios para a manutenção de suas vontades ou poder. Podemos observar essa fragilidade da mulher brankkka na passagem em que d. Lúcia, contrariada com a demissão de Eunice, revela para a empregada que ajudou Mabel com o aborto.

D. Lúcia estava com os olhos cansados, como se não tivesse dormido. Só então percebi como tinha envelhecido desde o primeiro dia em que nos vimos.

__ Já vai...? - ela perguntou com voz cansada.

__ E não volto - respondi.

__ Já imaginava, depois do showzinho que a sua filha deu ontem. É sempre assim com gente como vocês. Uma hora não adianta, a ingratidão chega...

__ Como é, d. Lúcia?

__ Ela então pareceu despertar. Começou a falar de todo o bem que tinha nos feito, de toda generosidade de sua família em nos acolher, num discurso que não acabava mais.

__ D. Lúcia... não quero discutir com a senhora. Eu era sua empregada. A senhora não faz “caridade”. Só quero minhas contas, como qualquer pessoa que decide sair do emprego.

__ Vou dar suas contas, sim. E vou dar isso aqui também!

Ela atirou em cima da mesa da cozinha uma caixa de um remédio para problemas no estômago, mas que eu sabia perfeitamente para o que as meninas tomavam. Meu peito começou a arfar e senti tontura, mas não daria a ela o gosto de me ver chorar. Pus meu terço no pescoço e peguei minhas malas. (Cruz, 2022, p. 117)

A discussão das tensões sociais e raciais no romance ganham camadas ao prestar uma homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus e ao seu livro “Quarto de despejo” (2019). O quarto, assim como outros cômodos-solitárias, é uma personagem-testemunha da intimidade daqueles subalternizados. E nesse espaço, é possível o subalterno falar, sentir, chorar e se emancipar (Spivak, 2010). O cômodo ressignifica-se ao corpo-documentar as escrevivências (EVARISTO, 2017) daquelas mulheres negras que resistem às desumanizações da Maafa.

Até que acabaram os biscoitos e a água que levamos na mochila. Bateu sede, mas eu não podia sair do quartinho. Bateu fome, mas eu não podia sair do quartinho. Bateu vontade de fazer xixi, mas... descobri que tinha um microbanheiro atrás de outra porta branca: um vaso sanitário, um chuveiro que por pouco não estava sobre o vaso e, em frente aos dois, uma pia com espelho na parede acima dela. Entre o espelho e a pia, uma prateleira com um pote, um tubo de pasta de dentes e uma escova de dentes. Tudo no diminutivo. (Cruz, 2022, p. 18)

É possível perceber, ainda, o diálogo com a obra cinematográfica “A que horas ela volta” (2015) de Anna Muylaert em que a Val, empregada doméstica interpretada por Regina Casé, sofre agressões simbólicas durante toda a narrativa e perambula pelos cômodos da casa de forma submissa às vontades e desejos dos patrões. Sendo o seu maior ato de rebeldia, entrar na piscina semi-cheia, que sempre foi espaço interdito para esses corpos.

A possibilidade fabulativa que a arte fornece para o tratamento das experiências da Maafa, auxilia nos processos de memória social, já que obras como “solitária” atuam como radiografias das relações de raça, gênero e classe do Brasil contemporâneo ao se propor preencher as lacunas que a história deixou em branco. Assim, é válido afirmar que a Literatura pode ser um quilombo que lança mão do ativismo⁵ - arte + ativismo - (Carneiro, 2018) como ferramenta de leitura do mundo. Colocando-se como reflexo e reflexão, questiona as verdades históricas, reivindicando e construindo novas humanidades.

O filósofo quilombola Antônio (Nego) Bispo (2022) chama a nossa atenção para a diferença entre a decolonialidade e a contra-colonialidade, em que a primeira diz respeito à desconstrução das heranças coloniais pelos seus herdeiros; e a segunda, refere-se àqueles que nunca herdaram nada, mas sim, foram vitimados pelo colonialismo. Para o filósofo, pessoas brancas que querem se despir da herança colonial, deveriam se alinhar a ética decolonial; enquanto pessoas negras, emparedadas pelo Estado de Maafa, sempre lançaram mão de estratégias contra-coloniais de resistência, permanência e continuidade oriundas dos valores civilizatórios herdados de África e ressignificados para as realidades das Américas, num processo político-cultural de Amefricanidade (GONZALEZ, 1988⁶).

Experiências como as das empregadas domésticas são exemplos de práxis impostas por uma branquitude herdeira do colonialismo, mas que ao serem documentadas por corpos negros, ganham camadas de humanidade, pois são essas mulheres, enraizadas em experiências não brancas, que educam, cuidam e civilizam os futuros Senhores do Ocidente (Quijano, 2005)

Podemos estender o pensamento para a compreensão de que as Literaturas Afro-diaspóricas são também vítimas do sistema colonial que rege a instituição Literatura e seus esforços artivistas de escrita, estética, poética e política são, portanto, práxis contra-coloniais. Por isso, o romance “solitária” torna-se relevante exemplo de uma Literatura Negra contra-

⁵ Conceito da filósofa Sueli Carneiro (2018) que diz respeito à atuação política da cultura promovida pelos ativistas culturais.

⁶ Amefricanidade é um conceito de Lélia Gonzalez (1988) que diz respeito aos laços de solidariedade e confluências entre os povos originários da América e os africanos trazidos para a Maafa. Tais laços criaram teias ontológico-afetivas que permanecem até a contemporaneidade.estratégias

colonial criadora de estratégias anti-maafa. Enumero, portanto, algumas características básicas de obras que se enquadram neste ativismo reumanizador:

1. *Negação da agenda e ethos ocidental* - Nega-se, o lugar guetificado que o ocidente impõe para subvertê-lo com referenciais amefricanos (Gonzalez, 1988). No romance, a lucidez de Mabel sobre a desumanização sofrida pela mãe em toda a primeira parte explica a negação desta agenda, principalmente quando a personagem, consegue passar no vestibular para medicina.

Na mesa de jantar estavam d. Lúcia, seu Tiago e Camila comendo a refeição que passei a tarde preparando. os três nos olharam surpresos.

— D. Lúcia, agradeço o seu apoio, mas eu não lhe devo nada, não. Entendi que a senhora fez no passado. Eu não tinha como... mas também entendi o que a senhora tentou fazer hoje mais cedo. Nda vai apagar nossa felicidade. Nada.

Os três e eu nos entreolhamos assustados, sem saber como reagir ao impulso de Mabel.

— Seu Tiago, lembra que o senhor riu debochado achando que eu nunca conseguiria passar no curso de medicina? Muito obrigada por me fazer lembrar desse sorriso todos os dias em que eu me sentava com o Cacau pra estudar em silêncio lá nos fundos, para não atrapalhar vocês, donos deste palacete...

A família estava imóvel. Foi pega totalmente de surpresa pelo rancor de Mabel e, de alguma maneira, eu também. (Cruz, 2022, p. 110)

2. *Olhar lúcido sobre o Estado da Maafa* - principalmente em relação ao genocídio da população negra e suas múltiplas facetas: “Brincamos e descobrimos muitas coisas juntos naquele mesmo pátio que fazia as vezes de quintal para os ricos e que ainda tinham as marcas frescas do sangue do corpinho de quatro anos de idade incompletos caído do décimo andar naquela tarde”. (Cruz, 2022, p.14)
3. *Compromisso com novas narrativas da história negra/indígena a partir da agência desses povos* - Inspirado pelo conhecido provérbio bantu “enquanto o leão não aprender a contar suas histórias, quem as contará é o caçador”, a Literatura torna-se meio para outras vozes, perspectivas de narrativas e agendas não ocidentais. Numa espécie de prestações de contas com o passado, principalmente com as memórias e corpo-documentações atravessadas pela escravidão e pelo colonialismo, obras como solitárias nos auxiliam no entendimento do tempo ao fabular (Hartman, 2022) as verdades históricas. Os exemplos do caso da empregada Dadá e a morte da criança Gilberto trazidos ao longo deste artigo, reforçam esse compromisso que é parte do projeto literário de Eliana Alves Cruz, autora dos romances históricos “O crime do cais do Valongo” (2018b) e “Água de Barrela” (2018a).
4. *Busca de novas propostas de humanidade negra* - que deem conta de integrar esta população, com suas mazelas e felicidades, na centralidade da (sua própria) humanidade. O romance reumaniza os subalternos ao, apesar das relações opressor x oprimido, retratar

as subjetividades destas pessoas que na tradição da Literatura Brasileira por muito tempo figuram como negro-temas e não negro-vida (Ramos, 2023).

De todas as características apresentadas, acreditamos que a possibilidade de narrar histórias a partir da perspectiva do negro-vida seja a mais potente, pois só conseguimos criar aquilo que podemos imaginar, sendo imprescindível que a Literatura nos ajude na formulação destas humanidade plenas e inegociáveis.

REFERÊNCIAS

A QUE HORAS ELA VOLTA? Direção Anna Muylaert. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2015, 144 min.

ASANTE, Molefi. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In: NASCIMENTO, Elisa L.(Org.). Afrocentricidade - uma abordagem epistemológica inovadora.* São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

ANI, Marimba. Yurugu: **An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior.** Trenton: África World Press, 1994. Disponível em: <https://estahoreall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/>. Acesso em 01/09/2023.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BISPO, Antônio. (Nêgo Bispo). **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

CARNEIRO, Sueli. Política cultural e cultura política: contradições e/ou complementaridades? *In: Escritos de uma vida.* Belo Horizonte, Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: A Construção do Outro como Não Ser como fundamento do Ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CRUZ, Eliana Alves. **Água de barreira.** Rio de Janeiro: Malê, 2018a.

CRUZ, Eliana Alves. **O crime do Cais do Valongo.** Rio de Janeiro, Malê, 2018b.

CRUZ, Eliana Alves. **Solitária.** São Paulo: Cia das Letras, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Juiz de fora: Editora UFJF, 2005.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In: Tempo Brasileiro.* Rio de Janeiro, nº92/93, 1988, p.69-82.

HARTMAN, Saidyia. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão.** Trad. José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual**. Diáspora africana: Editora Filhos da África, 2018.

NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 4-17. <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28253>. Acesso em 05/09/2023.

NJERI, Aza. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. In.: **Ítaca. Especial Filosofia Africana**. n.º 36. Rio de Janeiro, UFRJ, 2020a. p. 164-226. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895>. Acesso em 01/09/2023.

NJERI, Aza; AZIZA, Dandara. Entre a fumaça e as cinzas: o Estado de Maafa pela perspectiva da psicologia africana e o mulherismo africana. In: **Revista Problemata**. v. 11, n.º2. João Pessoa, UFPB, 2020b. p. 57-80. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/53729>. Acesso em 01/09/2023.

NOBLES. Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.) **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

OYEWÙMÍ, Oyewùmi “Fardo da mulher branca. mulheres africanas no discurso ocidental feminista”. Trad. Aline Matos Rocha. In: **Problemata**. V. 11, n. 2, 2020. p. 145-167. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/54030/30949>. Acesso em 10/9/2023.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Negro. **Negro Sou**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kwanzaa, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina G. Almeida [et. al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil. In: BRASIL. **Valores afro-brasileiros na educação**. Boletim 22. 2005. Disponível em: <https://culturamess.files.wordpress.com/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>. Acesso 25/9/2023.